

Comando do Congresso

* 4 SET 1990

Haroldo Hollanda

JORNAL DE BRASÍLIA

Embora o assunto só esteja previsto para ser decidido a primeiro de fevereiro de 91, as lideranças políticas dos diversos partidos revelam-se, desde já, preocupadas com as eleições do próximo ano para as presidências da Câmara e do Senado. É possível que o Palácio do Planalto tenha sobre a matéria idéias próprias, uma vez que quem detém os postos em questão exerce uma grande influência no processo político. Na Câmara já existem várias candidaturas: a mais comentada é a de Ulysses Guimarães, do PMDB. Três deputados do PFL cobçam a importante função: Inocêncio de Oliveira, Humberto Souto e Ricardo Fiúza, este último o atual líder da bancada. Os deputados Ibsen Pinheiro e Nelson Jobim, ambos do PMDB, poderiam ter suas candidaturas levantadas por parlamentares empenhados num movimento de renovação política. Mas é pouco provável que Ibsen Pinheiro ou Nelson Jobim aceitem disputar se Ulysses manifestar idêntica intenção. A expectativa é a de que o PMDB continue como o maior partido na Câmara e no Senado e, nessa condição, não estaria disposto a abrir mão de postos politicamente tão importantes.

No Senado, são candidatos à sua presidência, pelo PMDB, os senadores Mauro Benevides e Márcio Lacerda. Os senadores Marco Ma-

ciel, do PFL, e Fernando Henrique Cardoso, do PSDB, estão imbuídos de semelhante propósito. Tanto a candidatura de Maciel como a de Fernando Henrique Cardoso só teria condições de êxito dentro de um grande acordo político estimulado pelo Planalto, e que congregasse heterogêneas forças partidárias. A candidatura mais consistente até o momento é a do senador Mauro Benevides. Mas seu favoritismo pode ser alterado em função dos acontecimentos, em plena evolução. Se houver uma grande mexida no quadro partidário, o senador Mauro Benevides corre o risco de perder esse favoritismo, decorrente da circunstância de pertencer ao maior partido com representação no Senado, no caso o PMDB.

Não só na Câmara, como no Senado, o PMDB se encontra dividido entre duas facções, uma favorável ao Governo, outra disposta a se situar na oposição. As eleições de outubro irão certamente influir na escolha dos futuros presidentes da Câmara e do Senado. Na opinião de vários observadores, o PMDB pode até permanecer como o maior partido na Câmara e no Senado, mas sua composição será acentuadamente conservadora, com franca predisposição a manter um bom nível de relacionamento político com o Governo. Nesse quadro, é duvido-

so que um parlamentar que não conte com a simpatia do Planalto tenha condições de se eleger presidente da Câmara ou do Senado. Ulysses está decidido a retornar à presidência da Câmara e é sempre um nome que, pela sua expressão política, não deve ser desprezado. Corre, no entanto o risco de sofrer uma derrota. Não conta, em princípio, com as simpatias do Planalto e no seu próprio partido, mesmo entre seus amigos mais dedicados, há resistências a sua candidatura. Assinala-se também que o candidato que não obtiver a boa vontade do senador Jarbas Passarinho dificilmente alcançará a presidência do Senado. É que, além de ser um dos integrantes mais antigos do Senado, o senador Passarinho goza, entre seus pares, de alto conceito político e pessoal.

Advertência de Jutahy

O senador baiano Jutahy Magalhães adverte que se o PSDB, a partir do próximo ano, resolvesse apoiar o Governo, ele se desligaria de imediato do partido. Permaneceria no Senado, sem legenda, atuando de forma independente. Insiste o parlamentar baiano na sua tese de que o PSDB deve se conservar na oposição, a fim de que esse espaço político não seja preenchido por posições radicais sustentadas pelo PT e PDT.